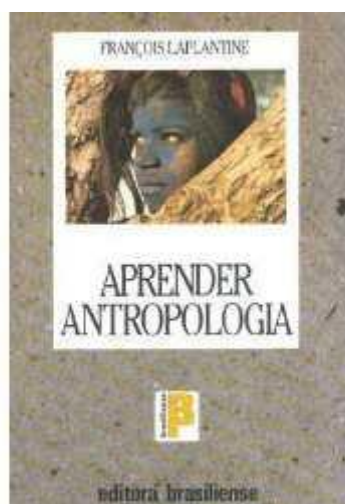


François Laplantine, *Aprender Antropologia*, S.P. Brasiliense, 2006

por Ana Raquel Silva, 33717, EA, 3ºano



François Laplantine (1943) é um antropólogo francês, professor de Etnologia da Universidade de Lyon II. Os seus objectos de estudo são os países da América Latina, sobretudo o Brasil – é responsável pelo Programa de Cooperação Inter-universitário com a Universidade Federal do Ceará. As suas pesquisas estão relacionadas com a antropologia da doença e das religiões, mas também estuda as relações da antropologia com a escrita.



Aprender Antropologia foi publicado pela primeira vez em 1996. Esta obra é uma introdução à antropologia, “é um primeiro panorama geral” e está “construído dentro da tradição francesa do pensamento analítico e da clareza de expressão”, como refere Maria Queiroz, pelo que o livro se destina a todo o público em geral – a todos os que se interessam em conhecer a essência do homem enquanto semelhante e enquanto o “outro”.

Nesta obra o autor explora as duas perspectivas de abordagem à antropologia: primeiro faz uma análise diacrónica da evolução do conhecimento antropológico ao longo da história; depois apresenta as diversas perspectivas actuais.

***Introdução: O CAMPO E A ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA* (pp. 13-33)**

O autor começa por referir que o homem tem colocado, desde sempre, inúmeras questões sobre si mesmo, independentemente da época (desde a pré-história até aos nossos dias) e do local (desde a Ásia à América).

A verdade é que a “ciência do homem”, a antropologia, só se constituiu como saber

relativamente científico apenas na segunda metade do século XIX. É só nesta altura que o homem se toma como o próprio objecto de estudo, aplicando-se os mesmos métodos que só se utilizavam na biologia ou na física. Até aqui as considerações do homem em relação a si mesmo tinham sido de ordem mitológica, teológica, filosófica e artística, mas nunca científica.

É na Europa que se começa (desde o século XVI) a busca pelo “outro”, pelo desconhecido e é também na Europa, depois de não haver mais locais inexplorados, que se começa a esboçar a disciplina da antropologia como um saber científico.

Os primeiros antropólogos escolhem como objecto de estudo as sociedades exteriores à europeia e norte-americana – as chamadas “sociedades primitivas” e “longínquas” porque:

- 1) são de dimensões restritas;
- 2) tiveram poucos contactos com outras sociedades, logo, estão no seu estado mais “selvagem”;
- 3) são pouco desenvolvidas tecnologicamente e
- 4) são pouco desenvolvidas no que toca à estruturação e actividades sociais.

Ou seja, a “simplicidade” destas sociedades e o seu “exotismo”, em comparação com as sociedades ocidentais mais “civilizadas” e mais “complexas”, parecia permitir aos antropólogos uma melhor compreensão de ambas – porque, inevitavelmente, a antropologia faz-se através de processos de comparação.

O início do século XX assiste à afirmação da antropologia enquanto “ciência do homem” e ao estabelecimento e legitimação dos seus próprios métodos de pesquisa. Mas o século XX assiste também a uma crise de identidade da antropologia – sendo o principal objecto de estudo desta ciência as sociedades “primitivas” e estando estas a desaparecer rapidamente, qual seria então o futuro da antropologia? O autor mostra três diferentes vias adoptadas pelos antropólogos:

- 1) os antropólogos que se dedicam à sociologia comparada;
- 2) os antropólogos que vão ao encontro de outro tipo de “primitivismo”, como o camponês, dedicando-se assim aos estudos etnográficos e
- 3) os antropólogos que deixam de lado o objecto empírico do primitivo e que fazem uma abordagem epistemológica do homem, ou seja, que procuram respostas universais, não limitando os seus estudos a espaços geográficos, culturais ou históricos particulares.

E é esta terceira e última visão da antropologia que Laplantine desenvolve neste capítulo, porque, como o autor refere “a antropologia não é senão um certo olhar, um certo enfoque que consiste em: a) **o estudo do homem inteiro** e b) **o estudo do homem em todas as sociedades**, sob todas as latitudes em todos os seus estados e em todas as épocas.” (p. 16)